

A REPRESENTAÇÃO DO MITO DE SÍSIFO NO CONTO, "PETÚNIA" DE MURILO RUBIÃO

The representation of the myth of Sisyphus in the short-story, "Petunia" of Murilo Rubião

*Aguinaldo Adolfo do Carmo**

RESUMO: O objetivo desse artigo é mostrar como o mito de Sísifo é representado no conto "Petúnia" de Murilo Rubião. A obra de Rubião vem sendo definida como pertencente ao fantástico, ao realismo mágico, ao absurdo e ao surreal, marcada também por forte presença da mitologia. O conto escolhido para análise pertence à obra *O convidado*, publicada pela primeira vez em 1974. O trabalho consiste em analisar o conto tendo como base a crítica de Jorge Schwartz e Davi Arrigucci Jr., entre outros críticos da narrativa contemporânea. Ademais, utilizaremos, também como base, os estudos que envolvem a figura do mito, bem como sua relação no campo literário. O mito é frequentemente usado na literatura e em outras manifestações artísticas em consequência de seu valor simbólico. Dessa forma, tentaremos mostrar os possíveis aspectos do mito que incidem na literatura rubiana.

Palavras-chave: Mitologia; Literatura fantástica; Circularidade; Mito de Sísifo.

ABSTRACT: *This article aiming to show how the myth of Sisyphus is represented in the short-stories "Petunia" of Murilo Rubião. The works of Rubião has been defined as belonging to the fantastic, to magical realism, the absurd and the surreal also characterized by significant presence of mythology. The short-story selected for analysis is belonging to the book 'O convidado' first published in 1974. This article consists to analyze the stories based on the criticism of Jorge Schwartz and Davi Arrigucci Jr., among other critics of contemporary narrative. Moreover, we also use as a basis, the studies involving the figure of myth, well as well as its relation in the in the literary field. The myth is often used in literature and other art forms as a consequence of its symbolic signification. Thus, we try to show the possible aspects of the myth that focus in the literature of Rubião.*

Keywords: *Mythology; Fantastic literature; Circularity; Myth of Sisyphus.*

* Mestrando na Universidade do Vale do Rio Verde – UNINCOR – Três Corações, Minas Gerais, Brasil; CAPES; aguinaldocarmo@yahoo.com.br

1 O mito de Sísifo

Segundo Brandão, Sísifo, rei da cidade de Corinto, era conhecido como o mais astucioso dos mortais. Conseguiu enganar a morte por duas vezes. Conta-se que Zeus encantou-se pela beleza de Egina, filha de Asopo, o deus-rio, e a raptou. Sísifo, sabendo do rapto aproveitou, a ocasião e delatou o deus dos raios ao pai da moça, com a condição que ele provesse água à cidade de Corinto. Zeus, irritado pela afronta, enviou a Morte para apanhá-lo, mas ele, em um ato de esperteza, acabou acorrentando-a. Com a Morte acorrentada, Hades viu seu reino se empobrecer, pois ninguém mais morria. Hades pediu apoio a Zeus para ajudá-lo a libertar a Morte. Zeus enviou Ares, o deus da guerra, para libertá-la. Com a morte liberta, Sísifo foi a primeira vítima.

Antes de morrer, Sísifo havia instruído sua mulher para jogar o seu corpo insepulto no meio da praça. Sísifo foi para o inferno, mas sua estadia por lá não durou muito tempo. Ele reclamou a Hades que seu funeral não havia sido feito corretamente; queria que ele lhe concedesse mais alguns dias na Terra, pois queria castigar sua mulher por ela não ter feito suas honras fúnebres devidamente. Hades concedeu-lhe mais algum tempo para que ele resolvesse suas pendências terrenas. Chegando à superfície, decide não mais voltar, infringindo seu acordo com o senhor das profundezas. O rei de Corinto permaneceu na Terra até alcançar a velhice. Certo dia, Tânatos (Morte) é enviado a buscá-lo e levá-lo definitivamente para o inferno. Chegando nas profundezas, seu castigo já estava preparado: carregar incessantemente uma enorme pedra até o cume de uma montanha, onde ela, em consequência de seu peso, caía, retornando ao seu ponto inicial. Assim, Sísifo é obrigado a retomar seu trabalho por toda a eternidade. (Cf. BRANDÃO, 1986, p. 107).

Para Camus, Sísifo é o herói absurdo “tanto por causa de suas paixões como por seu tormento.” (CAMUS, 2010, p. 122). A história de Sísifo nos conta que ele era um homem que amava a vida demasiadamente. Ele foi capaz de enfrentar os deuses e de ludibriar a morte porque tinha muita paixão pelas coisas terrenas. A sua arrogância e seu apego pela vida na terra foram os motivos que o levaram a receber o castigo eterno, o qual ele cumpre sem questionar. Uma vez que desistir seria um ato de fraqueza perante aos deuses, ele se mostra responsável pelo seu trabalho, não depende dos entes superiores. Aceita seu castigo, pois cumpriu seu destino na terra e agora o cumpre também nos infernos.

Os mitos, muitas vezes, representam a vida do homem. Eles são atualizados de acordo com as necessidades das épocas e lugares. Como Salienta Mirian da Silva Pires, “eles se transformam, se renovam, às vezes ficam esquecidos, envelhecem, para ressurgirem vigorosos tempos depois”. (PIRES, 2009, p. 39). A vida cotidiana é um cenário bastante propício para a representação dos mitos. Para Verena Kast, “a duração de um mito é explicada pelo fato de tanto a coletividade como indivíduos se reconhecerem nele, estando expressos nele, portanto um anseio ou uma experiência existencial fundamental”. (KAST, 1997, p.11). Dessa forma, percebemos que o mito de Sísifo e o eterno rolar da pedra torna-se símbolo da vida do homem contemporâneo. O homem que habita um mundo carregado de paixões e tormentos e que nele, empenha-se a realizar coisas que parecem ser intermináveis. Segundo Pires:

O mito não morre porque se atualiza na vida do homem. Talvez seja Sísifo um dos mais presentes no nosso cotidiano, expressado de diversas maneiras. Ele fala de astúcia, astúcia para driblar obstáculos. E fala, principalmente, de perseverança, pois o que se mantém da sua performance é o eterno rolar pedras. (PIRES, 2009, p. 41)

O fato de enfrentar os deuses e a morte levou Sísifo à sua punição eterna. Para Kast, o castigo de Sísifo “transmite em primeiro lugar a experiência do esforço enorme, da mobilização intensa e da permanência junto a essa pedra, mesmo que o objetivo não possa ser alcançado. Daí resulta, portanto, essa eterna repetição.” (KAST, 1997, p.13). Dessa maneira, o mito passa a representar “uma experiência fundamental da existência humana, um aspecto da vida e do ser humano”. (KAST, 1997, p. 13).

Assim sendo, o tema do mito consiste, basicamente, na eterna repetição, que está presente na vida do homem, em sua rotina em enfrentar os desafios encontrados na vida moderna. Ele está ligado ao trabalho do homem, que, muitas vezes, parece ser inútil. Segundo Kast, “apesar de todos os esforços, nunca se pode realmente levar algo ao seu final, terminá-lo, porque a expressão da vida é justamente o fluxo contínuo de tudo enquanto vivermos”. (KAST, 1997, p. 34). Portanto, o mito está presente na vida do homem no seu dia a dia. “Viver se compara, assim, com o esforço contínuo de rolar pedra, tomando-se a pedra como metáfora de dificuldades”. (PIRES, 2009, p. 40).

Pires, em seu artigo “A pertinácia de Sísifo: e tudo começa de novo”, procurou mostrar como o mito de Sísifo é representado na literatura brasileira. Ela introduz sua análise trazendo à tona um trecho do conhecido poema de Carlos Drummond de

Andrade: “No meio do caminho tinha uma pedra/ Tinha uma pedra no meio do caminho”. (DRUMMOND *apud* PIRES, 2009, p. 40). A partir desses versos, Pires reflete sobre os obstáculos que encontramos no nosso dia a dia: “Como nos relacionar com a pedra posta diante de nós, no meio do caminho? Precisamos da força do mito para deslocá-la e, talvez, edificarmos com ela alguma conquista”. (PIRES, 2009, p. 40).

Em outro poema de Drummond, intitulado de “O lutador”, no qual consiste na eterna luta do poeta com suas “pedras-palavras”, Pires salienta que o trabalho do poeta é um trabalho de Sísifo, pois exige muito esforço e muita habilidade para a construção do poema: “Sísifo- poeta não morre, não dorme, não descansa”. (PIRES, 2009, p. 41).

Pires ainda compara a obra de Graciliano Ramos, *Vidas secas* com o mito. Segundo a autora:

Em *Vidas secas*, o primeiro e o último capítulo se emendam, sugerindo a condenação da família a um ciclo irreversível e de alcance cada vez menor, tendo em vista as baixas sofridas ao longo do caminho. O primeiro capítulo, significativamente denominado “Mudança”, traz o sema do novo, do movimento, da esperança no devir; o último, “Fuga”, conota a urgência desolada de quem não tem mais escolha.[...] A marcha final de Fabiano com sua família será alimentada pela fantasia, uma vez que a realidade não os sustenta mais. No entanto, é imperioso que eles recomecem, mais uma vez, e outra, antes que sejam esmagados pelo destino duro como pedra. (PIRES, 2009, p. 42-43).

Nesses poucos exemplos, notamos que o mito está representado na literatura de forma bastante aparente. A arte é uma forma de manter os mitos vivos entre nós. A pedra sempre continuará rolando.

O universo de Rubião carrega uma relação com o mito, principalmente com o mito de Sísifo. As personagens de suas narrativas são, muitas vezes, representações de indivíduos inseridos em um mundo absurdo, condenados a carregar, metaforicamente, sua pedra eternamente. Para Schwartz, o confronto do homem com o mundo é presenciado com frequência na poética de Murilo Rubião, “o modo pelo qual o herói tenta integrar ao seu meio delimita o percurso absurdo do indivíduo dentro da sociedade”. (SCHWARTZ, 1981, p. 39).

Nos contos, as personagens são comparadas ao homem contemporâneo em busca de sentido para a sua existência e sua integração na sociedade. Podemos presenciar essa questão em “Os comensais”, em que Jadon, o protagonista, tenta se integrar com os convivas do restaurante onde costumava frequentar. Para Fábio Lucas, o conto:

desenvolve uma fábula sedutora: processo compulsório de sociabilização da personagem, de seu ingresso entre os convivas, todos distantes e alheios. E, afinal quando Jadón tenta regressar ao refeitório, aí então é que se depara com o salão vazio, isto é, com sua mais completa solidão. Havia regressado aos vinte anos. (LUCAS, 1983, s/p.).

Além do caráter existencialista, o tema da repetição também é constante nos contos de Murilo Rubião. Até no próprio ato de reescrita do autor, percebemos essa relação com o mito. “A busca obsessiva da perfeição que marcou a carreira de Murilo se liga à escrita tenaz e, secretamente, aos temas e à natureza do fantástico que o contista retrabalhava sem cessar”. (ARRIGUCCI JR., 1998, s/p). A constante reescrita da obra de Rubião é na verdade um trabalho de Sísifo, mas de um Sísifo consciente, como nos diz Camus. Para Vera Lúcia Andrade, essa incessante busca pela perfeição valeu a pena, pois nos deparamos com um escritor de “fino ouvido estilístico” e original, além de servir de modelo para muitos que “penam e duram, na prática da esquiva arte de escrever, cujo aprendizado nunca chega a terminar”. (ANDRADE, 1986, s/p).

Desarticulando a linguagem que procura imitar o real, Rubião volta-se para o irracional e para o mágico utilizando-se de uma linguagem metafórica em que a condição absurda da existência é privilegiada.

2 A representação do mito em “Petúnia”

Em “Petúnia,” encontramos algumas referências diretas à mitologia, como alguns nomes dados às personagens.¹ O conto é composto por nove partes, que se dividem de maneira não-linear, o que dificulta a compreensão imediata da trama. À medida que a leitura evolui, se tem uma melhor compreensão da história e uma organização das partes deslocadas do texto.

Éolo, o protagonista, é um jovem submisso às vontades de uma mãe autoritária que quer vê-lo casado. A mulher, com medo de que sua fortuna caia nas mãos do Estado, promove festinhas, nas quais as jovens convidadas são instruídas para cuidar do

1 Nomes referentes à mitologia grega: Éolo, que denomina três personagens mitológicos: Éolo, rei da Tessália, filho de Helen e da ninfa Orseís e pai de Sísifo; o segundo Éolo, filho de Melanipe e Poseidon, neto de Éolo, rei Tessália; e, por fim Éolo, o deus dos ventos, também filho de Poseidon. (Cf. KURY, 1990, p. 124). Proteus plantas dançarinas): referente à Proteu era filho de Netuno. Como Nereu, era considerado um sábio do mar por sua sabedoria e conhecimento dos acontecimentos futuros. Tinha o poder peculiar de mudar à vontade sua forma. (BULFINCH, 2000, p. 213).

rapaz da mesma forma que ela o trata: “alguém terá que substituir-me e cuidar dele com o mesmo carinho. — As jovens concordavam, felizes por se tornarem cúmplices da velha”. (RUBIÃO, 2000, p. 67).

Éolo demonstra ter um comportamento infantil. Basicamente, isso é fruto do tratamento que a mãe lhe proporciona, tanto pelo fato de tomar as decisões no lugar do filho, quanto pelo modo como o trata. Às vezes o chamava de Eolino. “O diminutivo era o bastante para enfurecê-lo. Saía batendo portas até o seu quarto”. (RUBIÃO, 2000, p. 67). Diante dessa situação, o rapaz refugia-se em atitudes infantis, como soltar bolhas de sabão e a viver em uma atmosfera onírica, visualizando pássaros imaginários que invadiam a casa. Ele negligenciava as escolhas da mãe, não se importava com nenhuma das jovens que ela selecionava para seu futuro casamento.

Apesar de suas rejeições, o rapaz acaba se encantando por Cacilda, (a quem ele passa a chamar de Petúnia) uma jovem que também compartilhava de suas visões:

Vagaroso, aproximou-se dela e tomou-a nos braços. Apertou-a, a princípio com suavidade, para depois estreitá-la fortemente. Dominado pela sensualidade que aquele corpo lhe provocava, esqueceu-se da mãe. A jovem mulher não se perturbou. Desprendeuse dele e disse com naturalidade:

— Lindos pássaros.

Dona Mineides olhou para os lados e nada vendo perguntou:

— Que pássaros?

Éolo ignorou a pergunta, já convencido de que sempre amara Petúnia, porque na sua frente estava Petúnia. (RUBIÃO, 2000, p. 68).

Éolo casa-se com Petúnia, que passa a morar com ele na casa repleta de pássaros e cavalos-marinhos (estes levados por ela).

Os acontecimentos insólitos na narrativa de Rubião são aceitos de forma natural pelo leitor. Para Davi Arrigucci Júnior, esse mundo onírico, em que o personagem se refugia, mostra o real desconcerto em que vive o homem moderno, e, através desses acontecimentos insólitos, o leitor torna-se cúmplice de quem narra ou vive a história. Dessa forma, o leitor não se espanta com esses acontecimentos, pois, tornando-se cúmplice, o mundo da personagem passa a ser o mundo do leitor. Portanto, “ele nos encaminha para a familiaridade com o insólito, fazendo do mundo de fora uma extensão do de dentro e sugerindo uma continuidade efetiva entre o fantástico e o real”. (ARRIGUCCI, JR., 1987, p.146).

Além das visões fantásticas dos personagens, outros acontecimentos insólitos são presenciados no conto. Depois da chegada da terceira filha, o retrato da mãe de Éolo, que ficava no quarto, começou a se desfazer. Mesmo sendo retocado, na noite seguinte, o quadro voltava a borrar. “A repetição do fato nas noites subseqüentes aumentou o desespero dela. Suplicava ao esposo que retirasse o quadro da parede. Éolo fingia-se desentendido. Pacientemente recompunha sempre a pintura da velha”. (RUBIÃO, 2000, p. 69). Além do retrato, uma flor negra e viscosa que nasce no ventre da esposa é arrancada pelo marido, mas, como a maquiagem no retrato, ela volta a nascer na noite seguinte.

Petúnia torna-se autoritária como a sogra, passa a ignorar o marido e evitar as filhas. Certo dia, ao chegar em casa, o pai encontra as filhas estranguladas no sofá:

Cambaleante, deu alguns passos. Depois retrocedeu, apoiando-se de encontro à parede. Transcorridos alguns minutos, superou a imensa fadiga que se entranhara nele e pôde observar melhor as filhas. Quis reanimá-las, endireitar-lhes os pescocinhos, firmar as cabecinhas pendidas para o lado. (RUBIÃO, 2000, p. 70)

As filhas foram mortas pela mãe, e esta colocava a culpa na sogra. Apesar de morta, D. Mineides parecia presenciar a todos através do retrato, e o desfazer da pintura era uma resposta negativa a tudo que estava acontecendo por ali. As filhas foram enterradas no quintal, e Éolo foi impedido de vê-las. Por mais que se esforçasse, não conseguia chegar ao jardim. Era impedido pelos cavalos-marinhos que barravam a passagem até o quintal. “Por muito tempo Éolo se absteve de sair de casa, temeroso da fúria dos cavalos-marinhos. Impossibilitado de saber o que se passava lá fora, através das janelas hermeticamente trancadas, vagava pelos quartos, afogava-se na tristeza”. (RUBIÃO, 2000, p. 71).

A autoridade da mulher parece chegar ao seu ponto máximo quando prende o marido no quarto, trancando as janelas com pregos, impedindo-o de visitar o jazigo das meninas. Pressupõe-se que a obsessão de Petúnia era fruto de um ciúme demasiado, já que Éolo tinha um bom relacionamento com as meninas petúnias. Além disso, ela se enfurecia quando o marido retocava o retrato da mãe. O que sugere que a mãe, mesmo depois de morta, causava-lhe ciúmes.

Bloqueado e sem possibilidade de cumprir a sua tarefa, o protagonista vê a esperança renascer e encontra uma saída para sua reclusão. Ao descobrir que a mulher e

seus animais tinham sono pesado, suas forças renascem e consegue evadir-se para o quintal onde se encontrava as Petúnias-meninas.

Essa façanha feita por Éolo pode ser remetida ao mito. Apesar de a personagem ter características contrárias às do herói grego, como submissão, infantilidade, etc, essas predicções não o afetam nessa hora, e, quando renasce a esperança, o herói consegue forças para completar a tarefa que lhe foi dada, como numa narrativa mítica em que o herói absurdo adquire uma força repentina para cumprir seu destino. Através da astúcia consegue livrar-se das grades impostas pela esposa. “Tão logo a esposa adormecia, escapava *sorrateiro* da cama, escorregando por debaixo das cobertas”. (RUBIÃO, 2000, p. 71, grifo nosso). O vocábulo “sorrateiro” permite essa associação. Dessa forma, o herói cumpre sua tarefa:

Fazia o menor ruído possível e ao alcançar o jardim desenterrava as filhas, transferidas de seus túmulos para um canteiro de açucenas. Elas se desvencilhavam rápidas de suas mãos e ensaiavam imediatamente os primeiros passos de uma dança que se prolongaria pela madrugada afora. Ao lado, bailavam risonhos os titeus e proteus. (RUBIÃO, 2000, p. 71).

A astúcia de Sísifo fez com que ele vencesse a morte por duas vezes e se libertasse do enclausuramento nos infernos. Éolo conseguiu com esperteza livrar-se do claustro imposto pela esposa e teve acesso aos túmulos das meninas. Assim, a ação de transferir as filhas para outro canteiro faz com que as Petúnias renasçam, evidenciando sua batalha contra a morte. Para Schwartz, a ação de enterrar e desenterrar as Petúnias “faz com que a morte não seja significativa com um fim, mas instaura-se um processo de continuidade”. (SCHWARTZ, 2000, p. 11). Também o ato de retocar o retrato da mãe possibilita essa batalha contra a morte; cada vez que a face da mulher no quadro é renovada revela que ela está, de um certo modo, viva entre eles.

Certa noite, cansado de arrancar a flor negra do ventre da esposa, vendo-se na impossibilidade de lidar com o fato toda noite, procura uma faca e a enterra em Cacilda. Termina o ato enterrando-a no quintal. Da sepultura da mulher nasceram pétalas de flores negras e viscosas. Com medo de que as flores chegassem às dependências do vizinho e denunciassem o crime, pôs-se a arrancá-las e destruí-las.

Assim, o herói fica à mercê do cumprimento de suas tarefas, num eterno trabalho de Sísifo.

Não dorme. Sabe que os seus dias serão consumidos em desenterrar as filhas, retocar o quadro, arrancar as flores. Traz o rosto constantemente alagado pelo suor, o corpo dolorido, os olhos vermelhos, queimando. O sono é quase invencível, mas prossegue. (RUBIÃO, 2000, p. 72).

Dessa forma, percebemos que Éolo passa a maior parte de seu tempo no jardim, a terra que ele conquistou com a sua astúcia. Não dorme, vive a “cumprir o ritual que se acostumara” (RUBIÃO, 2000, p. 71), um eterno ritual de renovação. Partindo do pressuposto de que o quintal é uma terra conquistada e de que ele cumpre um rito, podemos relacionar essa forma de renovação à teoria do mito. Para Eliade, o processo de renovação é o rito que repete, simbolicamente, o que foi feito no início dos tempos. O homem vive em uma constante repetição dos atos inaugurados por outro, “um outro que não era homem” (entes sobrenaturais). (ELIADE, 1969, p. 19). Para algumas nações, esse rito de renovação dava-se quando elas conquistavam um novo território e, ao trabalhar a terra, viam-na como um novo começo, uma nova criação do mundo: “ao cultivar a terra desértica, eles efetivamente repetiam o ato dos deuses, que organizavam o caos dando formas e normas. O que significa que, o ritual de tomada de posse, não é mais do que uma cópia do ato primordial da Criação do Mundo”. (ELIADE, 1969, p. 25). Notamos que as atitudes do protagonista, de manter a situação equilibrada, é uma forma de organização que repete “a transformação do Caos em Cosmos pelo ato divino da Criação”. (ELIADE, 1969, p. 24). Para Éolo, o equilíbrio estava em manter as meninas vivas; manter viva a imagem da mãe na casa e as ervas negras longe de quem o pudesse lhe denunciar.

Na epígrafe, que introduz o conto, percebemos também uma relação ao mito da renovação do mundo. A epígrafe diz: “E nascerão nas suas casas espinhos e urtigas e nas fortalezas o azevinho”. (ISAÍAS, XXXIV, 13 *apud* RUBIÃO, 2000, p. 65). O capítulo em que foi retirada a epígrafe trata do julgamento das nações que complementa o “Pequeno apocalipse de Isaías”, o qual “descreve os combates definitivos do Senhor contra as nações, especialmente Édom, que culminam com a vitória de Israel em Jerusalém”. (ISAÍAS, XXXIV,1-35,10). A proliferação das ervas daninhas e espinhos nas fortalezas e casas seria um dos castigos de Deus para os “impuros”, e os justos seriam resgatados para a nova terra, Israel.

Para Goulart, a leitura epigráfica tem uma conexão semântica direta com a leitura textual. Considerando o elemento trágico das leituras, como função mediadora, teremos uma melhor significação do texto e da epígrafe. Para o autor:

O leitor busca, na epígrafe, uma possibilidade de explicação ou, por outras palavras, uma possibilidade de explicação de elementos estranhos, ocorridos na narrativa. [...] A primeira impressão é de que as epígrafes contribuem muito pouco para precisar os significados flutuantes, mas fica no leitor uma sensação de impotência que nada mais é senão a reduplicação do sentido do trágico que envolve as personagens. E é a partir dessa percepção que começa a nascer uma explicação para os acontecimentos da narrativa, a ponto de se poder alinhar uma interpretação razoável, que ilumina o que antes se supunha irreal. (GOULART, 1984, p. 121).

Dessa forma, ao procurar uma relação entre o trágico, a epígrafe e o texto, o leitor dispõe de uma iluminação para uma melhor significação do texto. Goulart encontra, na epígrafe de “Petúnia”, uma ideia de ameaça. Por meio das oposições dos vocábulos da epígrafe, o autor relaciona: casa x espinhos e urtigas e fortalezas x azevinho e as reúne em um único par – casas/espinhos e urtigas x fortalezas/azevinho. Ao inverter o segundo elemento de cada par e relacionando o “aproveitamento prático” e as “qualidades medicinais” de cada elemento, pressupõe-se que o azevinho deveria estar plantado nos arredores da casa e, os espinhos e as urtigas, deveriam estar plantadas em volta das fortalezas, pelo fato de que são plantas que conotam um tipo de segurança, quando utilizadas como cercas. “Nessas condições, a ameaça de que os espinhos, urtiga e azevinhos nascerão, do modo como está indicado no texto da epígrafe, isto é, deslocadas de sua posição normal, surge como uma punição que se avizinha”. (GOULART, 1984, p. 145). Vendo por esse lado trágico, essa punição seria a erva negra que se alastra no quintal, uma espécie de castigo pelo assassinato da mulher. Uma ameaça que pode delatar o criminoso às autoridades.

Como vimos, a história se desenrola numa eterna repetição, na qual o herói rubiano está condenado a viver por toda a eternidade. De acordo com Schwartz, em seu estudos sobre as epígrafes, o autor constata que o herói de Rubião “se converte em paradigma de si mesmo, no seu eterno fazer, sugerindo a imagem circular e sempiterna, do *uroboro* serpente cósmica que morde sua própria cauda.[...] Condenada pela própria forma, ela aniquila o tempo e torna-se testemunha da eternidade”. (SCHWARTZ, 1981,

p. 17). O homem de Rubião torna-se o símbolo da esterilidade e se assemelha à serpente *uroboro*.

No entanto, Éolo, apesar de se tornar um herói absurdo como Sísifo, ainda tem consciência de sua vida. Suas tarefas intermináveis são feitas pelo seu próprio desejo, não imposta como a Sísifo. Ele parece não se importar com a vida na cadeia, caso fosse preso, mas para ele, o mais importante é manter as filhas e a mãe, de certa maneira, “vivas”. Quando percebeu que as flores negras podiam denunciá-lo; “alarmou-se com a possibilidade de ser encarcerado: quem cuidaria do retrato da mãe, quem retiraria da terra das Petúnias?” (RUBIÃO, 2000, p. 72). Notamos que Éolo ainda tem consciência de seus atos. Para Camus, o herói só é trágico quando é consciente. “O operário que trabalha todos os dias de sua vida nas mesmas tarefas, e esse destino não é menos absurdo. Mas só é trágico nos raros momentos em que se torna consciente” (CAMUS, 2010, p.123). Dessa forma, podemos imaginar Éolo como o Sísifo de Camus, um herói absurdo e trágico, por ser consciente. Apesar de aceitar a sua condição, o protagonista não é um Sísifo feliz como Camus propõe, pois gasta o seu tempo em sua tarefa interminável, não dorme, não tem sequer um momento para repensar sua vida.

Referências

ANDRADE, Vera Lúcia. *As visões do invisível*. O Estado de São Paulo, 31 de maio de 1986.

ARRIGUCCI, Davi Jr. Minas, assombros e anedotas (Os contos fantásticos de Murilo Rubião). In: *Enigma e comentário: ensaios sobre literatura e experiência*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

_____. O sequestro da surpresa. In: *Jornal das resenhas*. Folha de São Paulo, 11 de abril de 1998.

BÍBLIA SAGRADA. Petropolis, Vozes, 2005. Trad. Dom Lucas Cardeal Moreira Neves.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia grega*. São Paulo: Vozes, 1986. v. 1.

BULFINCH, Thomas. *O Livro de Ouro da Mitologia*. 2a. ed. São Paulo: Ediouro, 2000.

CAMUS, Albert. *O mito de Sísifo*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Edições BestBolso, 2010. Trad. Ari Roitman e Paulina Watch.

ELIADE, Mircea. *O Mito do eterno retorno*. São Paulo, Mercuryo, 1969.

GOULART, Audemaro Taranto. *As mágicas de um mago (O conto de Murilo Rubião)*. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 1984.

KAST, Verena. *Sísifo – a mesma pedra, um novo caminho*. São Paulo, Cultrix, 1997. Trad. Erlon José Paschoal.

KURY, Mario Da Gama. *Dicionário de Mitologia Grega e Romana*. Rio de Janeiro, 1990.

LUCAS, Fábio. *A arte do conto de Murilo Rubião*. O Estado de São Paulo, 21 de agosto de 1983.

PIRES, Mirian da Silva. A pertinácia de Sísifo: e tudo começa de novo. In: *O Marrare - Revista de Pós-graduação em Língua Portuguesa n. 10*. Rio de Janeiro, UFRJ, 2009. Disponível em: <<http://www.omarrare.uerj.br/numero10/mirian.html>>. Acesso em: 06 de ago 2015.

RUBIÃO, Murilo. *O convidado*. São Paulo, Ática, 2000.

SCHWARTZ, Jorge. Do fantástico como máscara. In: RUBIÃO, Murilo. *O convidado*. São Paulo, Ática, 2000.

_____. *Murilo Rubião – A poética do Uroboro*. São Paulo: Ática, 1981.